

DEGEORGES, Damien. Terres rares: enjeu géopolitique du XXI^e siècle – Chine, États Unis, Europe, Japon, Groenland. Paris: L’Harmattan, 2012. ISBN: 978-2-336-00222-4.

Filipe Reis Melo¹

Palavras-chave: Terras raras, China, Groelândia

Keywords : Rare earths, China, Greenland

A ascensão da China como potência global tem determinado, em maior ou menor medida, mudanças relevantes no âmbito das Relações Internacionais. Uma delas, e ainda pouco estudada, é a busca pelo acesso a um grupo muito específico de minerais estratégicos conhecidos como terras raras, conjunto de 17 elementos químicos que possuem características únicas imprescindíveis à produção de equipamentos de alta tecnologia. Do uso desses minerais dependem a indústria das chamadas tecnologias “verdes” – como turbinas eólicas, painéis solares, motores híbridos–, as novas tecnologias – ímãs de alto rendimento, supercondutores, telefones celulares, telas planas LCD, fibras óticas, equipamentos aeroespaciais, satélites etc.– e a indústria militar – radares, sonares, sistemas de mísseis e antimísseis, sistemas de comunicação por satélite e ultrassônicos, bombas, sistemas de localização por laser, caças supersônicos.

A China, principal exportadora desses minerais, a partir de 2004 passou a restringir a exportação de terras raras, o que tem ocasionado, desde então, um aumento constante do preço desses minerais e uma corrida dos países dependentes das exportações chinesas por alternativas de acesso a esses elementos. O fato é que já existe uma tensão internacional em torno dessa questão, e a abertura de Painel, na Organização Mundial do Comércio, que Estados Unidos, União Europeia e Japão abriram contra a China em março de 2012, é apenas mais um indicador que nos ajuda a compreender o jogo político-estratégico-militar que há por trás de meros interesses comerciais.

A obra de Damien Degeorges é uma contribuição importante à pouca literatura existente sobre a geopolítica em torno das terras raras ou do “ouro verde”, em virtude de sua ligação com a produção das tecnologias “verdes”. Especialista em Groelândia e em geopolítica do Ártico, Degeorges enfoca o lugar da Groelândia e do Mar Ártico na corrida pelo acesso às terras raras. Discute o interesse da União Europeia em garantir o seu acesso às reservas gronelandesas de terras raras e o esforço da China em estreitar suas relações com a Groelândia e a Islândia.

A obra está dividida em três partes. Na primeira o autor situa o leitor acerca da importância das terras raras como mineral estratégico. Essa é a parte que traz menos novidades, mas é fundamental para o leitor menos familiarizado com a temática.

Recebido em 07 de Janeiro de 2014
Received on January 07, 2014

Aceito em 21 de Janeiro de 2014
Accepted on January 21, 2014.

DOI 10.125957/rmi.2014.8736

¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade de Deusto (Espanha). Coordenador Adjunto do curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Endereço para Correspondência: Universidade Estadual da Paraíba. Rua Horácio Trajano de Oliveira, S/N, Cristo Redentor, 58071-160 João Pessoa-PB. E-mail: freismelo@yahoo.com. Trabalho de pesquisa apoiado pelo MCTI/CNPq/MEC/CAPES N°43/2013.

Na segunda parte procura entender o papel da Groelândia como produtora de terras raras, cujo potencial de produção é estimado em 40% da produção chinesa, o que seria suficiente para pôr fim ao atual monopólio chinês. Degeorges faz uma rápida retrospectiva da história recente da Groelândia e de sua relação com o Reino da Dinamarca; traz dados que demonstram a riqueza do subsolo gronelandês e mostra como a China tem se empenhado em estabelecer e estreitar relações econômicas com esse território.

Na terceira e última parte, o autor discute os interesses da China e sua diligência em estreitar suas relações com os países do Ártico, em especial com a Groelândia e a Islândia, bem como fazer parte do Conselho do Ártico, organização que reúne os oito países com acesso direto ao Mar Ártico –Canadá, Dinamarca (Groelândia), Estados Unidos, Finlândia, Islândia, Noruega, Rússia e Suécia–, apesar de não ser um país cujo litoral linde com o Mar Ártico. Atualmente a China está à espera que lhe seja outorgado o estatuto de Estado Observador Permanente dessa organização.

O autor nos relembra a declaração de Deng Xiaoping em 1992, quando de sua visita ao Chinese Rare Earths Research Institute: “As terras raras estão para a China assim como o petróleo está para o Oriente Médio”. Naquele ano, o então presidente chinês mostrava-se consciente da importância que tomariam as terras raras para o desenvolvimento da China e do mundo.

Cerca de 37% das reservas conhecidas de terras raras são chinesas e esse país, que exporta 97% das terras raras do mercado mundial, deverá reduzir a sua participação nesse mercado e, provavelmente, tornar-se-á importador desses minérios antes de 2020. Países como Brasil, Índia, Malásia, Austrália e Estados Unidos aparecem como principais potenciais produtores.

Especificamente no caso brasileiro, desde o final de 2011, o Ministério de Minas e Energia e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação têm trabalhado no sentido de desenvolver estratégias de produção de terras raras mais eficientes. Em 2013 o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) lançou edital específico para a pesquisa com terras raras. Em dezembro de 2013 o Senado Federal aprovou o relatório final da Subcomissão Temporária de Terras-Raras. São fatos que nos mostram a emergência desse tema no cenário atual.

Ainda na última parte do livro, Degeorges discute rapidamente o programa de pesquisa chinês sobre a região do Ártico que teve início em 2007 e cujos resultados foram divulgados em 2010. Uma das principais conclusões é que a China deseja um papel ativo nas questões relacionadas ao Mar Ártico, o que inclui assuntos sobre navegação, recursos naturais, pesquisa científica, transporte de equipamentos militares e diplomacia do ártico. Segundo o autor, a diplomacia chinesa tem investido em sua relação com a Islândia, especialmente em matéria de pesquisa científica no Ártico, inclusive com a realização de uma expedição científica conjunta em 2011. Essa relação buscaria em última instância a aproximação à Groelândia, rica em recursos naturais, exatamente aquilo que carece a China. De fato esse país tem apresentado grandes projetos de exploração mineral na Groelândia.

Enfim, o livro incita novas pesquisas sobre a geopolítica das terras raras e nos sugere muitas interrogantes quanto ao desenrolar do embate de interesses das grandes potências quando o assunto é acesso a recursos estratégicos, como é o caso das terras raras.